

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**ESCREVIVÊNCIAS MARANHENSES: O LEGADO DE MARIA FIRMINA DOS
REIS E MARIANA LUZ NA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA.**

Antonieta Lago Teixeira¹
Maria Natividade Silva Rodrigues²
Maura Luza Martins Frazão de Oliveira³

Resumo: O presente artigo analisa as intersecções entre as trajetórias e produções literárias de Maria Firmina dos Reis (1822/1825-1917) e Mariana Luz (1871-1960), figuras centrais para a compreensão da autoria feminina negra no Maranhão. O estudo problematiza o silenciamento histórico dessas intelectuais no bojo da chamada "Atenas Maranhense", espaço marcado por um cânone predominantemente masculino e eurocêntrico. Sob a luz do conceito de "escrevivência", de Conceição Evaristo, a pesquisa investiga como ambas utilizaram a escrita e o magistério como ferramentas de insurgência política, denúncia social e afirmação identitária. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, com abordagem comparativa entre Úrsula (1859), o romance abolicionista de Firmina e a produção poético-jornalística de Mariana Luz, além da sua obra de publicação póstuma Murmúrios (1990). Os resultados parciais indicam que, embora inseridas em contextos estéticos distintos, as autoras convergem na construção de uma práxis educativa e literária que antecipa debates contemporâneos sobre diversidade e inclusão. Conclui-se que o resgate de suas memórias é indispensável para a descolonização dos currículos e para o fortalecimento de uma educação voltada às relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis. Mariana Luz. Escrevivência. Literatura Maranhense. Inclusão Social.

¹ Graduada em História e Pedagogia pela UEMA/Mestre em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, professora da Educação Básica. Pesquisa sobre Gênero e Diversidade. E-mail: lago.antonietta@gmail.com

² Professora Mestra em Ciências Sociais. E-mail: natividadelaroque10@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA. e-mail: mauraluzamartins@gmail.com)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MARANHÃO WRITING EXPERIENCES: THE LEGACY OF MARIA FIRMINA DOS REIS AND MARIANA LUZ IN BLACK AUTHORIZING LITERATURE.

Abstract: This article analyzes the intersections between the trajectories and literary productions of Maria Firmina dos Reis (1822/1825-1917) and Mariana Luz (1871-1960), central figures for understanding Black female authorship in Maranhão. The study problematizes the historical silencing of these intellectuals within the so-called "Maranhão Athens," a space marked by a predominantly male and Eurocentric canon. Under the light of Conceição Evaristo's concept of "escrevivência" (a term coined by the author and written in Portuguese), the research investigates how both used writing and teaching as tools for political insurgency, social denunciation, and identity affirmation. The methodology consists of qualitative research, of a bibliographic and documentary nature, with a comparative approach between Úrsula (1859), Firmina's abolitionist novel, and Mariana Luz's poetic-journalistic production, in addition to her posthumously published work *Murmúrios* (1990). Preliminary results indicate that, although situated within distinct aesthetic contexts, the authors converge in constructing an educational and literary praxis that anticipates contemporary debates on diversity and inclusion. It is concluded that recovering their memories is indispensable for the decolonization of curricula and for strengthening an education focused on ethnic-racial relations.

Keywords: Maria Firmina dos Reis. Mariana Luz. Writing from Experience. Literature from Maranhão. Social Inclusion.

INTRODUÇÃO

O cenário intelectual do Maranhão entre os séculos XIX e XX, frequentemente autoproclamado como a "Atenas Maranhense", consolidou-se sob a égide de um cânone literário predominantemente masculino, branco e eurocêntrico. Nesse contexto de profunda hierarquização social e racial, a presença de mulheres negras no campo das letras e do magistério não representava apenas uma exceção, mas um ato de insurgência política e epistêmica. Entre essas vozes que desafiaram o silenciamento imposto pelo patriarcado e pela herança escravocrata, destacam-se Maria Firmina dos Reis (1822/1825-1917) e Mariana Luz (1871-1960).

Embora pertençam a recortes temporais e estéticos distintos — Firmina imersa no Romantismo abolicionista e Mariana transitando pela imprensa e pelo

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Simbolismo/Parnasianismo —, ambas convergem em um ponto fundamental: a utilização da palavra como ferramenta de humanização e denúncia. Maria Firmina, com a publicação de *Úrsula* (1859), inaugurou a literatura afro-brasileira ao conferir subjetividade e voz aos sujeitos escravizados e mulheres. Por sua vez, Mariana Luz ocupou as páginas dos jornais ludovicenses, reivindicando o espaço da mulher intelectual e educadora em uma sociedade que ainda tateava os rumos do pós-abolição.

Este artigo propõe uma análise das intersecções entre as trajetórias e as escritas dessas duas autoras maranhenses. A fundamentação teórica ancora-se no conceito de "**escrevivência**", cunhado por Conceição Evaristo, para compreender como as vivências de corpo e raça dessas mulheres transbordam para suas produções literárias e práticas pedagógicas. Mais do que figuras isoladas na historiografia, Firmina e Mariana são compreendidas aqui como pilares de uma genealogia de intelectuais negras que pavimentaram caminhos para a diversidade e a inclusão nas instituições literárias e educacionais contemporâneas.

Com este estudo busca-se analisar as intersecções literárias e pedagógicas nas trajetórias de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz, compreendendo-as como precursoras de uma intelectualidade negra feminina no Maranhão e agentes fundamentais de resistência ao cânone tradicional.

Para tanto, o estudo pretende identificar elementos de denúncia social e subjetividade negra na obra *Úrsula* (1859) e na produção jornalística e poética de Mariana Luz em sua obra *Murmúrios* de publicação póstuma em 1990, discutindo como o magistério atuou como uma extensão da práxis política e literária de ambas no contexto da "Atenas Maranhense". Ao estabelecer diálogos entre essas produções e o conceito contemporâneo de escrevivência, de Conceição Evaristo, a pesquisa reflete sobre a premência da atualização dessas memórias para a promoção da diversidade e da inclusão nos currículos da Educação Básica e Superior, consolidando uma educação efetivamente antirracista.

1. 1 Os caminhos da pesquisa

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O procedimento metodológico seguirá a técnica de análise de conteúdo, mapeando recorrências temáticas como a crítica à escravidão, o direito à educação feminina, a construção da identidade negra e a ocupação política do espaço público pela palavra. Através de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, busca-se discutir como o legado dessas escritoras tensiona o cânone tradicional e oferece subsídios para repensar o ensino de literatura e história sob uma perspectiva descolonial. Além disso, a presente análise, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, fundamentada no método bibliográfico e documental. A escolha desse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de revisitar fontes primárias e secundárias que permitam uma análise comparativa entre as autoras.

Esta pesquisa constitui-se pela análise da obra romanesca *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, e pela produção literária e jornalística dispersa de Mariana Luz em periódicos maranhenses e coletâneas poéticas, além da sua obra literária *Murmúrios*, publicada postumamente em 1990. A fundamentação teórica ancora-se em uma perspectiva interdisciplinar que cruza os campos da Literatura, História e Educação, adotando lentes decoloniais para questionar a invisibilidade da mulher negra na história oficial (SANTOS, 2020).

Como principal chave de leitura, utiliza-se o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2007), aplicado retroativamente para compreender as obras de Firmina e Mariana como escritas indissociáveis de suas condições de existência. O estudo dialoga, ainda, com a historiografia literária maranhense, destacando-se as contribuições fundamentais de Nascimento Moraes Filho (1975) para o legado crítico de Maria Firmina dos Reis e de Jucey Santana (2018) pelo resgate literário e histórico de Mariana Luz. O procedimento metodológico seguirá a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), mapeando recorrências temáticas como a crítica à escravidão, o direito à educação feminina, a construção da identidade negra e a ocupação política do espaço público pela palavra.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Essas duas mulheres são pilares fundamentais da literatura e da história do Maranhão, representando vozes pioneiras que articularam resistência, educação e identidade negra em períodos de profunda exclusão. Aqui está um breve paralelo sobre a importância de cada uma:

Maria Firmina dos Reis (1822/1825–1917)

Considerada a **primeira romancista brasileira**, sua obra é o marco fundacional da literatura abolicionista no Brasil, com alguns aspectos a serem destacados:

- ✓ **Obra-prima:** *Úrsula* (1859). Diferente de outros autores da época, ela deu subjetividade e voz aos escravizados e as mulheres, humanizando-os e denunciando a crueldade do sistema sob uma perspectiva interna;
- ✓ **Pioneirismo:** Professora, escritora e contista foi a primeira mulher aprovada em um concurso público no Maranhão para o cargo de professora de Instrução Primária;
- ✓ **Legado:** Fundou a primeira escola mista (para meninos e meninas) e gratuita do estado, no povoado Maçarico, reforçando o papel da educação como ferramenta de libertação.

Mariana Luz (1871–1960)

Poetisa, jornalista e educadora, Mariana Luz é uma figura central da "Atenas Maranhense" que, por muito tempo, foi silenciada pelos cânones tradicionais, com alguns aspectos a serem destacados:

- ✓ **Ativismo:** Teve uma presença vibrante na imprensa maranhense, utilizando jornais para publicar suas poesias e ideias, desafiando o espaço predominantemente masculino da época;
- ✓ **Estética:** Sua obra transita pelo simbolismo e parnasianismo, mas carrega uma sensibilidade aguçada sobre a condição humana e o papel da mulher na sociedade;
- ✓ **Educação:** Assim como Firmina, dedicou grande parte de sua vida ao magistério em Itapecuru-Mirim e São Luís, acreditando no poder transformador das letras.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Pontos de Convergência:

- ✓ **Educação como Resistência:** Ambas entenderam que o magistério era uma forma de intervenção social;
- ✓ **Espaço Literário:** Elas pavimentaram o caminho para que mulheres negras e maranhenses pudessem ocupar espaços de escrita e pensamento acadêmico;
- ✓ **Resgate(Atualização) Histórico:** Atualmente, ambas são objetos de estudo essenciais para compreender a **escrevivência** (conceito de Conceição Evaristo) antes mesmo do termo ser cunhado, pois escreviam a partir de suas realidades e ancestralidades.

1.1.1 A Trajetória e o espaço de Maria Firmina Dos Reis e Mariana Luz nas Academias Literárias.

A análise das trajetórias de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz permite tensionar a representação feminina nas Academias de Letras, evidenciando como essas instituições operaram historicamente sob um viés patriarcal e eurocêntrico que silenciou vozes negras (SANTOS, 2020).

Ao longo do século XIX e início do XX, enquanto a "Atenas Maranhense" consolidava seus espaços de consagração literária, Firmina e Mariana exerciam uma intelectualidade ativa fora desses centros de poder, utilizando o magistério e a imprensa como suas próprias "academias" de resistência (SANTANA, 2018).

O resgate contemporâneo dessas autoras nas cadeiras patronais e nos estudos acadêmicos atuais não é apenas uma reparação histórica, mas uma reconfiguração do cânone literário maranhense, desafiando a hegemonia institucional ao posicionar a mulher negra não apenas como objeto de escrita, mas como sujeito produtor de conhecimento e autoridade estética (MORAIS FILHO, 1975).

A discrepância entre a densidade da produção literária de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz e a sua ausência nas instâncias formais de poder, como a Academia Maranhense de Letras (AML) em seus anos de fundação, revela um projeto de exclusão deliberado.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Enquanto o cânone tradicional se consolidava através de sociabilidades masculinas e aristocráticas, estas autoras negras construíam uma intelectualidade alternativa no magistério e nos jornais (SANTANA, 2018). O reconhecimento tardio de Maria Firmina como patronesse e o resgate da memória de Mariana Luz por pesquisadores contemporâneos não são apenas homenagens, mas atos de desestabilização da hegemonia acadêmica, provando que a literatura negra feminina sempre existiu (MORAIS FILHO, 1975), ainda que o "selo" institucional lhe tenha sido negado em vida.

1.1.2 Resultado e Discussão

No âmbito dos resultados e discussões desta pesquisa, observa-se que os processos de reconhecimento e legitimação no campo literário são profundamente influenciados por dinâmicas históricas e institucionais que, muitas vezes, retardam ou mesmo invisibilizam determinadas trajetórias intelectuais. Esse fenômeno pode ser observado tanto na trajetória de Maria Firmina dos Reis quanto na de Mariana Luz, cujas produções intelectuais evidenciam as dificuldades enfrentadas por mulheres no acesso aos espaços formais de consagração cultural. No caso de Maria Firmina dos Reis, atualmente patronesse da Cadeira nº 19 da Academia Maranhense de Letras, é importante destacar que tal reconhecimento ocorreu de forma póstuma e relativamente tardia. Esse dado revela como os mecanismos de legitimação institucional nem sempre correspondem, em seu próprio tempo histórico, à relevância intelectual e estética de determinadas obras. A demora no reconhecimento de Firmina evidencia a existência de processos históricos de exclusão que contribuíram para manter sua produção à margem do cânone literário por longos períodos. A posterior incorporação de seu nome a uma instituição de prestígio cultural sinaliza, por sua vez, um movimento contemporâneo de revisão crítica da historiografia literária, voltado à reavaliação de autores e autoras cuja contribuição foi historicamente negligenciada ou invisibilizada.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesse contexto, a noção de “intelectualidade orgânica”, formulada por Antonio Gramsci, oferece um importante referencial para compreender a atuação de escritoras que, mesmo diante de limitações impostas pelas estruturas institucionais, participaram ativamente da produção e circulação de ideias em espaços alternativos de debate, como a imprensa e os periódicos literários. A presença de Mariana Luz nesses espaços evidencia sua inserção no campo intelectual de seu tempo, ainda que o acesso às instâncias formais de consagração acadêmica e literária tenha sido historicamente restrito. Esse cenário revela que as estruturas de reconhecimento intelectual foram atravessadas por hierarquias sociais que dificultaram a plena participação de determinadas autoras. A intersecção entre raça e gênero, nesse sentido, desempenhou papel significativo na produção de obstáculos adicionais à inserção de mulheres negras nos círculos acadêmicos e literários formais, contribuindo para processos sistemáticos de marginalização e invisibilização de suas trajetórias intelectuais.

Tal dinâmica pode ser compreendida também a partir da ideia de um “não-lugar” institucional ocupado historicamente por muitas escritoras, caracterizado pela ausência dessas autoras nos espaços formais de consagração literária durante suas próprias vidas. Essa ausência não deve ser interpretada como resultado da inexistência de produção intelectual relevante, mas sim como consequência de um processo histórico de organização do campo literário marcado por hierarquias de gênero e por mecanismos de legitimação cultural que privilegiaram determinados sujeitos em detrimento de outros. Conforme argumenta Pierre Bourdieu, as instituições culturais funcionam como instâncias de consagração simbólica responsáveis por definir quais autores e obras serão reconhecidos como legítimos no interior do campo literário. Nesse sentido, a exclusão de muitas escritoras desses espaços evidencia como o cânone literário foi historicamente construído a partir de critérios que, por muito tempo, associaram a autoridade intelectual ao universo masculino.

A crítica literária feminista tem desempenhado papel fundamental na problematização desses processos de invisibilização. Autoras como Elaine Showalter contribuíram significativamente para evidenciar como a historiografia literária tradicional

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



negligenciou, por longos períodos, a participação de mulheres na formação da literatura. À luz dessas reflexões, as trajetórias de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz revelam-se particularmente emblemáticas, pois demonstram como escritoras atuantes e intelectualmente engajadas puderam permanecer, por décadas, à margem dos processos institucionais de reconhecimento. A revalorização contemporânea de suas obras indica não apenas um movimento de reparação simbólica, mas também um esforço crítico de ampliação do próprio conceito de cânone literário, incorporando vozes e experiências historicamente silenciadas. Dessa forma, ao aproximar as trajetórias de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz, torna-se possível compreender de maneira mais ampla como gênero, raça e estruturas institucionais influenciaram os processos de legitimação cultural no campo literário brasileiro, evidenciando a necessidade contínua de revisão crítica da historiografia literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das trajetórias e produções de Maria Firmina dos Reis e Mariana Luz, permite concluir que a literatura de autoria negra no Maranhão não foi um fenômeno isolado, mas uma construção de resistência contínua frente ao cânone excludente da "Atenas Maranhense". Ambas as intelectuais, em seus respectivos tempos, utilizaram a escrita e o magistério como extensões de uma práxis política que desafiou as hierarquias de raça e gênero impostas por uma sociedade patriarcal e eurocêntrica.

Através do conceito de escrevivência, observa-se que as obras dessas autoras, desde o pioneirismo abolicionista de *Úrsula* (1859) até a resistência poético-jornalística e literária na obra *Murmúrios* (1990) de Mariana Luz, funcionaram como ferramentas de humanização e denúncia. Elas não apenas ocuparam espaços de fala, mas fundaram uma genealogia de intelectuais negras que pavimentaram o caminho para a diversidade nas instituições educacionais e literárias contemporâneas.

Por fim, conclui-se que o legado de Firmina e Mariana é um passo indispensável para a descolonização das práxis educativas e atualização dos currículos. A integração de suas vozes e produções à Educação Básica e Superior é fundamental para desnaturalizar o

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



discurso colonizador ancorado em uma pedagogia de escritório, e transbordar da vida, da oralidade e de território, contribuindo assim para a concretização da educação efetivamente antirracista, que reconheça a mulher negra como sujeito produtor de conhecimento e autoridade estética, garantindo que suas "escrevivências" continuem a ecoar e a transformar o cenário intelectual brasileiro.

REFERÊNCIAS

Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

Elaine Showalter. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

Evaristo, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos desenhos de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. São Luís: Tipografia do Progresso, 1859. (Edições recentes: São Paulo: PUC-SP / Editora Mulheres, 2004).

. *A escrava*. In: REIS, Maria Firmina dos. *Cantos à beira-mar e outros escritos*. São Luís: EDUFMA, 2017.

Morais Filho, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa Oficial, 1975.

Pierre Bourdieu. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Reis, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 1. ed. São Luís: Typographia do Progresso, 1859.

SANTANA, Jucey Santos de. *Mariana Luz: vida, escrita e magistério*. São Luís: Edufma, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.